

NO PRINCÍPIO DA MEMÓRIA, A HISTÓRIA: NOTAS SOBRE O ELOGIO DA MISSÃO FRANCESA NA HISTORIOGRAFIA USPIANA (1940-1950)

Data de aceite: 02/06/2023

Diego José Fernandes Freire

Doutor em história pela Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS) e professor da Universidade Potiguar (UNP) e da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC-RN); Link do currículo lattes em: <http://lattes.cnpq.br/7824839450030326> .

I

Em fins de 1994, uma expressão historiográfica surgiu entre os historiadores e as historiadoras do Brasil, gerando, a partir de então, acirrados debates (MALERBA, 2002, p. 181-214): escola uspiana de história. O vocábulo, tanto com pretensões conceituais quanto como dado da realidade, veio à tona quando três historiadoras do Departamento de História (DHIS) da Universidade de São Paulo (USP) foram instadas a escrever sobre os 60 anos do referido lugar institucional. Nesta conjuntura de comemoração, Maria Helena Rolim Capelato, Raquel Glezer e Vera Lucia Amaral Ferlini assinalaram a existência de uma escola uspiana de

história, isto é, de “uma tradição de pesquisa diferenciada”, de “um estilo profissional de trabalho” (CAPELATO ET AL, 1994, p. 356), sustentado, singularmente, na vinda de mestres franceses que teriam fundado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP em 1934.

Na ótica das autoras, “a tradição francesa” teria marcado o DHIS da USP, definindo inclusive um “perfil acadêmico, de 1934 até o início da década de 1970”, quando “novos padrões de produção científica passaram a vigorar, com parcial influência do modelo norte-americano” (CAPELATO ET AL, 1994, p. 350). Durante várias décadas, os ditos mestres franceses teriam imprimido um “modo francês de fazer história” (CAPELATO ET AL, 1994, p. 356) em seus discípulos brasileiros, com os quais passaram a conviver proximamente durante o período em que estiveram lecionando no Brasil. “Preocupação com a orientação metodológica e com o rigor da análise documental” (CAPELATO ET AL, 1994, p. 351) seriam os traços de tal matriz francesa formadora dos historiadores e das

historiadoras que se graduaram na USP durante as décadas iniciais do século passado. A própria marca dos *Annales* não deixaria de estar aí presente, vinda com os franceses e assimilada pelos brasileiros de maneira entusiasmada.

Muito já se falou a respeito tanto da fundação do curso de história da FFCL - USP quanto sobre a relação entre a historiografia desenvolvida neste local de ensino e a *école des Annales* (ROIZ, 2012; D'ALÉSSIO, 1994). O papel da dita missão francesa nos cursos de história (MARTINEZ, 2002), o fazer pedagógico e historiográfico dos elevados mestres que ocuparam as cátedras de História (COSTA, 2018), as disputas institucionais e políticas das cátedras (RODRIGUES, 2012), o perfil discente das primeiras turmas (ROIZ, 2007) foram e são alguns dos temas abordados por historiadores e historiadoras em pesquisas de fôlego nas últimas décadas (COSTA, 2020, p. 121-145). O que parece estar ainda em aberto, contudo, é justamente o momento em que uma memória enaltecida da influência francesa no curso de história da USP começou a se formar, circulando pelos interstícios do departamento e modelando várias práticas e discursos.

O texto de Maria Helena Rolim Capelato, Raquel Glezer e Vera Lucia Amaral Ferlini não representa, de modo algum, tal nascedouro. No momento em que estas autoras realizaram a graduação e a pós-graduação em história na USP, entre os anos 1960-1980, já circulava uma tradição memorialística de forte elogio ao legado francês. O escrito de 1994 destas historiadoras evidencia na historiografia uspiana uma espécie de ressaca memorialística pró-herança francesa. Nos idos de 1990, a memória dos mestres franceses já estava estabelecida e consolidada, ao ponto de estruturar falas e escritos sobre o passado da historiografia brasileira, para além dos muros da Universidade de São Paulo.

Na mesma edição em que o texto a respeito da escola uspiana de história apareceu, veio junto com ele uma entrevista com Fernando Novais, sugestivamente intitulada “Braudel e a missão francesa”, a qual se iniciava com a seguinte pergunta: “Qual a contribuição dos historiadores franceses e dos cientistas da França para a evolução da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras?” (ESTUDOS AVANÇADOS, 1994, p. 161). A resposta do entrevistado mobilizou um discurso igualmente já dado, ao destacar o papel fundamental dos franceses na área de história: “Jean Gajé, Émile Leonard, Émile Coornaert e, naturalmente, Braudel. Todos eles de primeira qualidade” (ESTUDOS AVANÇADOS, 1994, 1964). Eduardo de Oliveira França, ex-aluno e ex-assistente de professores franceses, foi outro entrevistado que se valeu de uma memória francófona para positivar o legado de Braudel e Cia. Ao final, nos dois depoentes, creditou-se ao estrangeiro a modernização das ciências sociais no Brasil, replicando uma explicação exógena para grandes transformações nacionais.

Diante desta descarga memorialística enaltecida dos franceses, cabe levantar alguns questionamentos, ampliando o que já se sugeriu: como e quando surgiu tal memória? Quais foram os seus artífices? Que transformações ela passou ao longo do tempo, até ser veiculada como que oficialmente pelo Departamento de História da USP nos anos de 1990? De que modo ela se relaciona com a historiografia brasileira contemporânea, chegando,

inclusive, a se generalizar para toda a História no Brasil?

Tais são as possíveis questões a se abordar e para as quais o presente ensaio tentará conceder algumas contribuições. Nesse sentido, as próximas linhas tentarão abarcar um momento preciso da memória disciplinar em foco, qual seja, o seu alvorecer, a sua primeira aparição institucional, a ocasião em que se organizou e se disseminou pioneiramente uma enunciação favorável ao legado francês na historiografia uspiana, em particular, e brasileira, em geral. Desse modo, o texto a seguir traz à luz um relato inaugural, entendido e analisado como um *texto primeiro*, isto é, como um discurso fundador de uma dada memória disciplinar e institucional, o ponto inicial de narrativas aparentadas, “um discurso que renasce em cada um de seus pontos, que reaparece sem cessar, em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos” (FOUCAULT, 2012, p. 22).

II

A origem é mítica, o começo é histórico.

Paul Ricoeur.

Segundo Fernanda Peixoto Massi, a vinda de docentes da França para fundar cadeiras nos cursos de história e geografia, filosofia e sociologia na USP encerrou-se formalmente nos últimos anos de 1940, após pouco mais de uma década de cooperação franco-brasileira. O retorno de Jean Gajé no final do ano letivo de 1946, após reger a cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea, pode servir como marco conclusivo deste empreendimento cultural diplomático entre a França e o Brasil. Ainda conforme a supracitada autora, “a partir dos anos 50 os brasileiros formados pela Universidade passaram a ocupar as cadeiras deixadas pelos franceses” (MASSI, 1981, 14). Foi nesta conjuntura institucional nova que uma memória sobre a presença dos franceses começou a ser construída e veiculada no DHIS da USP.

Nesse sentido, destaca-se a figura de Eurípides Simões de Paula, aluno das primeiras turmas do curso de história e geografia da USP, ex-assistente de Fernand Braudel e Jean Gajé, nomes que integraram a segunda e a terceira fases da missão francesa, respectivamente. O último, aliás, foi o orientador formal de sua tese de doutoramento, defendida em 1942 e denominada *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*. Em 1946, Eurípides Simões de Paula substituiu seu orientador francês, ao assumir a cátedra de História da Civilização Antiga e Medieval, após concluir o trabalho *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*. Como alguém profundamente ligado aos mestres franceses, ele foi o principal artífice de uma memória consagrada do legado francês na historiografia uspiana que então começava a se afirmar.

Quatro anos após a partida de seu mestre, Eurípides Simões de Paula foi convidado a ministrar a aula inaugural da FFCL da USP, no salão nobre da instituição, então sediada

na famosa Rua Maria Antônia, centro pulsante da capital paulista. Como catedrático mais novo, caberia ao historiador falar para uma plateia formada por docentes e discentes ligados aos mais variados cursos de licenciatura, tais como filosofia, sociologia, história e geografia, mas também letras, química, matemática e pedagogia. Diante deste auditório multidisciplinar, o ilustre convidado escolheu a temática “a história e o seu ensino nesta faculdade” (DE PAULA, 2009, p. 75-84), como forma de contemplar um denominador comum entre todos os ouvintes, o qual apontava para o “desenvolvimento das ideias e práticas” (DE PAULA, 2009, p. 75-84) ministradas na FFCL. Com estas pretensões, no dia 11 de março de 1949, Simões de Paula, institucional e pioneiramente, começou a articular uma memória positivadora daqueles docentes que recém tinham deixado a Universidade de São Paulo. Registre-se que na ocasião da aula Simões de Paula ocupava a posição de vice-diretor da FFCL, cargo no qual se situou entre 1947-1950.

A escolha por tal temática é por deveras sugestiva, como se o palestrante desejasse indicar que os franceses, antes de tudo, teriam influído no ensino das matérias das quais se ocuparam. Atividade relacional, todo ensino pressupõe uma aprendizagem, um contato entre aquele que ensina e um outro que aprende. Franceses e brasileiros estariam, assim, em relação, partilhando um contato (bem como um contrato) pedagógico. Daí a metáfora do mestre e dos discípulos. Diante de licenciandas e licenciandos, Simões de Paula trazia a experiência do magistério daqueles professores que foram os primeiros a fornecer lições de história aos alunos e alunas da USP. Com isso, era como se o detentor da fala revelasse ao seu público com quem ele aprendeu o que na época ensinava. Lugar de destaque maior não se poderia dar aos franceses em tal situação de fala.

Seu discurso já começa prestando tributo a um historiador francês, Lucien Febvre, o qual seria a inspiração maior do pronunciamento. Disse o orador:

À guisa de modelo inspiramo-nos na magnífica aula inaugural que o mestre Lucien Febvre pronunciou em 1941, durante a feroz ocupação do solo de França pelo invasor nazista, aos alunos da École Normale Supérieure de Paris. Muitas de suas ideias aqui estarão consubstanciadas. Começa Lucien Febvre afirmando que a História é uma” (DE PAULA, 2009, p. 75).

Desenvolvendo longamente a concepção febvreaana segundo a qual a história é um conhecimento cientificamente conduzido a respeito do homem em sua dimensão social e temporal, Simões de Paula atribuiu o enraizamento destas lições historiográficas na USP aos mestres franceses. Estes teriam atuado como um verdadeiro elo entre Lucien Febvre e o corpo discente uspiano de história.

Assim foi feita a ligação historiográfica entre França e Brasil: “todas essas ideias nós a ouvimos dos nossos mestres franceses que, desde 1934, estão colaborando com as nossas autoridades universitárias na ereção de uma verdadeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” (DE PAULA, 2009, p. 79). Discípulos de Lucien Febvre, os mestres franceses do curso de história da USP seriam os responsáveis não só pela conexão do

Brasil com os *Annales*, como também seriam um dos construtores da própria instituição universitária na sociedade brasileira. Da historiografia brasileira para a cultura acadêmica no país, os mestres da *douce france* deveriam ter seus nomes igualmente escritos na história educacional e científica do Brasil.

Em seguida, de forma linear e progressiva, acompanhando ano a ano, o orador dedica parágrafos para evocar cada um dos três principais professores estrangeiros: Émilie Coornaert (1886-1980), Fernand Paul Braudel (1902-1985) e Jean Gajé (1902-1986). Sobre o primeiro, anuncia que “em 1934, tivemos a honra insigne de sermos discípulos do professor do *collège de France*, um grande especialista em história econômica da Idade Média, principalmente do interessante problema das corporações de ofício” (DE PAULA, 2009, 79). Ex-aluno de Émilie Coornaert, Simões de Paula coloca-se na condição de discípulo que relembra o mestre para uma plateia que não teve o privilégio de seu aprendizado. Instruindo a audiência, a mistura pedagógica entre passado e presente segue com os demais ilustres missionários:

De 1935 a 1937 e, ainda, em 1940, tivemos entre nós o professor Fernand Paul Braudel, da École des Hautes Études da Sorbonne, grande conhecedor da história moderna, principalmente do século XVI na Península Ibérica, e que há pouco mais de dois anos defendeu brilhante tese de doutoramento, depois de permanecer cinco anos num campo de prisioneiros de guerra e ter aí, como Henri Pirenne na 1 Guerra Mundial, organizado uma verdadeira universidade [...] de que foi reitor (DE PAULA, 2009, p. 79).

O modelo memorial do orador parece operar não só com os fatos idos, ocorridos na primeira década de funcionamento da USP, mas também com o tempo recente, próximo. Com isso, o auditório estudantil fica mais familiarizado com o sujeito lembrado, facilitando, pois, a identificação. Por fim, com o último nome da trinca francesa fundadora do curso de história, a mesma relação de proximidade é buscada:

De 1938 a 1945, esteve entre nós o professor Jean Gajé, da Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo, não menos notável que os seus antecessores. Só os que se dedicam ao estudo da Antiguidade, principalmente ao período Augusto, é que podem fazer ideia do valor desse professor no campo da epigrafia e da arqueologia romana (DE PAULA, 2009, p. 79).

A linguagem do “nós”, típica do discurso institucional, comparece também para estabelecer uma vinculação direta entre o orador, a plateia e o objeto do discurso, unificando todos os nomes próprios ali presentes, direta e indiretamente. A fala de Eurípedes Simões de Paula age no intuito de criar uma só voz, um único coro, como se emergisse um som homogêneo do passado.

Após detalhar os principais partícipes da missão francesa, chegou a hora de arrematar todas as figuras citadas:

Assim, tivemos, desde 1934, durante 14 anos, um estudo de história orientado mais para os estudos econômicos e sociais do que para outros setores, formando, pois, uma bela unidade, responsável sem dúvida pela

homogeneidade que se nota entre os jovens professores de História formados pela nossa faculdade (DE PAULA, 2009, p. 80).

Pela periodização apresentada, a época dos mestres franceses não estava distante no tempo. Ao invés do afastamento temporal, o que se vê na aula inaugural é a justaposição de épocas: a do orador e a da plateia, as quais se fundem e garantem um espírito de corpo. Na temporalidade do discurso do orador, a missão francesa vai até o presente de 1949, prolongada no tempo, como se fizesse parte da atualidade de todos que estavam ali na aula inaugural do ano estudantil de fins de 1940.

Dessa forma, assegura-se a presença do passado no presente de forma viva e vibrante. O discípulo nunca esquece o mestre, a quem rende graças, mantendo o seu legado sempre vivo. A memória do mestre instituía uma política de lembrança do passado por parte do discípulo. O mestre, sempre atual, viveria em seus discípulos. Um se eterniza através do outro (RANCIÈRE, 2002, p. 94). Assim como o presente liga-se ao passado, o aprendiz vincular-se-ia a quem lhe ensinou os primeiros preceitos. A relação é, antes de tudo, pedagógica, de formação de discípulos e herdeiros. Uma áurea formativa, baseada em uma relação de ensino-aprendizagem entre docente e discente, marcou desde o início o aparecimento da memória pró-mestres franceses na FFCL da USP.

A força de tais lentes oriunda ou oriundas do Velho Mundo teria irradiado para além das cadeiras que ocuparam, garante Simões de Paula. As disciplinas relacionadas à história do Brasil e à história da América teriam incorporado a mesma orientação historiográfica trazida da França, a despeito de não terem sido fundadas por nenhum integrante da missão francesa. Como prova, o regente da aula magna cita o exemplo de Astrogildo Rodrigues de Melo, que “tem procurado desenvolver o ensino recebido de seus mestres” (DE PAULA, 2009, 80). O mesmo também valeria para os catedráticos Afonso D’Escragnolle Taunay e Alfredo Ellis Júnior, que, em História da Civilização Brasileira, “tomaram também o mesmo rumo que as outras suas companheiras” (DE PAULA, 2009, p. 80). A lição não ficou apenas com os catedráticos herdeiros dos franceses: abraçou-se, tamanha foi a sua força.

Ao trazer estes dois nomes nacionais como professores igualmente influenciados pela historiografia francesa, Simões de Paula eleva ainda mais a ação fertilizadora dos mestres, responsáveis de fato pela formação de uma cultura universitária de alto valor na cidade de São Paulo. Daí porque todos os participantes da USP deveriam trazer sempre “os últimos ensinamentos e as experiências da ímpar cultura francesa” (DE PAULA, 2009, p. 80). Logo, a memória dos mestres franceses não poderia ser esquecida, de modo que Simões de Paula, com sua aula inaugural para os estudantes da FFCL, abrindo o ano de 1949, procurava justamente cumprir tal esforço. Uma vez realizado este intento, a memória francesa uspiana ganharia novos guardiões, homens e mulheres que garantiriam uma maior perenidade histórica para os nomes de Émilie Coornaert, Fernand Paul Braudel e Jean Gajé.

Desse modo, o pronunciamento de Eurípides Simões de Paula não inaugurou

apenas o ano letivo de 1949 para os estudantes da FFCL da USP. Sua fala marcou também um primeiro momento de entrada institucional da memória francesa no meio universitário uspiano. Por certo, falas coloquiais a respeito da época dos docentes franceses e evocações furtivas sobre o seu ensino devem ter sido proferidas anteriormente em ocasiões banais. Todavia, até o momento da aula de 1949 a lembrança desse período circulava um tanto quanto caoticamente, sem organização e sistematicidade, carente de interpretação e sentido. Não havia ainda um *trabalho de memória* (RICOUER, 2007, p. 71-73). Foi isso que Simões de Paula ofereceu como boas-vindas aos alunos e às alunas, com o desígnio de revelar a singularidade daquele centro de ensino superior. Não era um espaço qualquer que acolhia o corpo discente; era preciso conhecê-lo, e tal conhecimento passava, obrigatoriamente, pela história daqueles mestres franceses que fundaram a FFCL e o seu ensino. Um seria parte do outro.

Na sequência dos anos, diferentes iniciativas trataram de consolidar a memória francesa, tal qual enquadrada por Simões de Paula. Mais uma vez, este assumira um destaque. Em 1950, quando fundou a *Revista de história* com pretensões de ser o periódico oficial do Departamento de História da USP, o ex-assistente de Fernand Braudel e Jean Gajé não perdeu a oportunidade de lembrar um de seus mestres:

Já em 1937, quando lecionava na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o ilustre Prof. Fernand Paul Braudel – com que tivemos a honra de trabalhar na qualidade de assistente – pensávamos em fundar uma Revista destinada à fundação de trabalhos históricos, não só de professores e assistentes, mas também de licenciados e alunos.

Motivos vários, entretanto, impediram a concretização dessa ideia que, só agora, vencidos em grande parte os óbices antigos, pode ser levada a efeito [...] Aparece assim a nossa Revista (REVISTA DE HISTÓRIA, 1950, p. 01).

A lembrança foi das melhores: além de marcar a FFCL com suas aulas, com suas lições em sala de aula, estando, pois, na origem daquele centro de ensino superior, Braudel participara ainda do nascimento da *Revista de história*. Dez anos após a sua última estadia na USP, o historiador do mediterrâneo era lembrado por uma ação institucional pioneira na Universidade brasileira: o primeiro periódico acadêmico especializado no país. Com isso, a própria memória de Fernand Paul Braudel na FFCL adensava-se; além de professor e orientador de tantos e tantas, ele era agora também um dos principiaidores do periódico criado em 1950.

Na década seguinte, mais precisamente em 1961, um dos ex-assistentes da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval, ex-aluno de Eurípedes Simões de Paula, por quem foi orientado em sua tese, Pedro Moacyr Campos, escreveu um *Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX*. Neste trabalho publicado na *Revista de história*, a memória disciplinar francesa, conforme pontilhada por Simões de Paula, também esteve presente:

Para São Paulo e Rio de Janeiro vieram professores franceses, cujos nomes jamais serão esquecidos, ao tratar-se da história cultural do país: Émile Coornaert, Fernand Braudel, Henri Hauser, Eugène Albertini, Jean Gajé. Sob a orientação dêste último as cadeiras de história, em São Paulo, principiaram a formar seus primeiros doutores; por mais defeituosas que fôssem as teses apresentadas, em virtude de condições dominantes, não se pode negar representarem um grande progresso. Pela primeira vez no Brasil, trabalhava-se metodicamente, sob a orientação de um mestre europeu (CAMPOS, 1961, p. 156).

Embora cite a experiência universitária carioca, Pedro Moacyr Campos não se deteve nela, focando exclusivamente na Universidade de São Paulo. O destaque vai todo para o cenário paulista. A mesma trinca francesa citada por Simões de Paula ressurgiu no texto de Campos: Émile Coornaert, Fernand Braudel e Jean Gajé.

Verdadeiro acontecimento, divisor de águas da história no Brasil, a chamada missão francesa teria lançado as bases da “moderna historiografia brasileira” (CAMPOS, 1961, 166). Se em Eurípides Simões de Paula a memória francesa tem sua amplitude limitada ao espaço da Universidade de São Paulo, em especial a FFCL e ao DHIS, nas palavras escritas do seu orientando o legado dos mestres europeus alcança toda a historiografia brasileira, bem como a “história cultural do país”. Um esboço da historiografia brasileira, por mais modesto que pretendesse ser, não poderia deixar de conter, pretensiosamente, o capítulo francês da história no Brasil. Com isso, a memória disciplinar uspiana dos franceses revestiu-se de uma dimensão nacional; sua relevância estaria para além do DHIS da USP. Logo, tratar-se-ia de uma memória marcada por grandes feitos.

Seguindo esta mesma linha de orientação, Simões de Paula reutilizou sua fala de 1949 em um evento de 1971. No dia 05 de julho desse ano, ao participar de uma mesa-redonda organizada pelo núcleo regional do Paraná da Associação dos Professores Universitários de História (APUH), o catedrático da USP trouxe um texto denominado *Algumas considerações sobre a contribuição da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a historiografia brasileira*. Aqui, passagens praticamente idênticas da aula inaugural de fins da primeira metade do século XX foram aproveitadas para compor o texto de 1971. Embora esta sua última intervenção seja maior do que aquela primeira, as informações a respeito da missão francesa não sofreram substancialmente nenhuma alteração. Assim, após enumerar e discutir as ideias de Lucien Febvre, Simões de Paula faz o seguinte enlace: “Tôdas essas ideias nós as ouvíamos dos nossos mestres franceses que, desde 1934, estavam colaborando com as nossas autoridades universitárias na criação de autêntico centro de estudos e de pesquisas” (DE PAULA, 1971, p. 429).

Em seguida, partiu para caracterizar a já mencionada trinca historiográfica da missão francesa. Tal qual na aula de 1949, após destacar Émile Coornaert, chega ao nome de Fernand Braudel, onde, contudo, introduziu uma sensível mudança no texto original:

De 1935 a 1937 e, ainda, em 1947, tivemos entre nós o Prof. Fernand Paul Braudel, aquele que, merecidamente, vem sendo identificado como o “papa” da historiografia francesa contemporânea. Professor da *École Pratique des Hautes Etudes* da Sorbonne, especialista em História Moderna, especialmente do século XVI na Península Ibérica: Sua tese de doutoramento é, ao que se saiba um *tournant*, uma nova maneira de ser das ciências humanas. Homem de ação, como Henri Pirenne na I Guerra Mundial, organizou com alguns colegas — presos como ele — uma espécie de Universidade muito semelhante às Universidades medievais pela impossibilidade da experimentação. Foi libertado no fim da guerra graças aos bons ofícios da Cruz Vermelha Internacional (DE PAULA, 1971, p. 429-430).

Agora, mais de duas décadas depois, a menção à figura de Braudel já faz questão de mencionar a *tournant*, isto é, a grande importância mundial do historiador da longa duração, colocada como a maior autoridade da historiografia francesa. Tal fato agrega mais valor não só ao professor Fernand Paul Braudel dos anos 1930-1940, como a própria missão francesa que teria fundado o DHIS da USP. Do seu presente, Simões de Paula inflaciona o passado da história, adensando-o de forma ainda mais positiva.

No caso de Jean Gajé, o inflacionamento pretérito foi mais modesto, contudo. Assim o catedrático de 1949 referiu-se ao mestre Gajé em 1971:

Dando continuidade ao programa pré-estabelecido e sempre com a colaboração do governo francês, lecionou de 1938 a 1945 o Prof. Jean Gajé, então da Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo e atualmente do *Collège de France*, não menos notável do que os seus antecessores. Aquêles que se dedicam ao estudo da Antigüidade clássica, especialmente ao período de Augusto, é que podem fazer uma idéia do valor desse professor no campo da epigrafia e da arqueologia romanas (DE PAULA, 1971, p. 430).

A informação nova acrescida foi justamente o posto na prestigiada instituição de ensino e pesquisa *College de France* que Jean Gajé ocupou entre 1955-1972. Simões de Paula valeu-se do sucesso posterior dos membros da missão francesa para adensar ainda mais a relevância do empreendimento cultural entre o governo francês e a USP. O sucesso das carreias de Braudel e Gajé serve como um elemento que insufla a memória das origens francesas do DHIS da USP.

Além disso, na mesa-redonda o historiador uspiano aproveitou para reforçar a relação de continuidade entre Jean Gajé e os dois membros anteriores da missão francesa. Apesar de ter sido o professor que ficou mais tempo lecionando e de ter orientado o maior número de trabalhos na USP, o destaque maior não foi dado a ele, mas sim a Fernand Braudel. Isso mostra como a memória disciplinar da historiografia uspiana foi lidando com diferentes passados, anteriores e posteriores ao evento da vinda dos docentes franceses. Trata-se de uma construção memorialística que, como toda memória, foi incorporando os acontecimentos a fim de se consolidar e se cristalizar em um dado presente (ROUSSO, 2006).

No princípio, era memória, a memória de Eurípides Simões de Paula, formada, obviamente, não no íntimo do seu ser, mas em contato com vários outros indivíduos e espaços. Requisitado por catedráticos, diante de uma plateia discente formada por futuros professores e professoras e ocupando um importante cargo de chefia, o historiador vice-diretor da FFCL evocou seus mestres de sala de aula e de ofício. Com isso, marcava sua posição de discípulo e recuperava sua trajetória de formação, ao mesmo tempo que reconstruía “a história e o seu ensino” na FFCL da USP. Do individual ao institucional, tecia-se a tríade do jogo da memória, marcada pelos “três sujeitos de atribuição da lembrança”, conforme a conceituação de Paul Ricoeur: o eu presente que lembra, o outro porvir que preservará a memória e os próximos para os quais se ambiciona admoestar (RICOEUR, 2007, p. 134). Tal memória imiscuiu-se com a história da própria instituição universitária paulista, da USP de maneira geral, e da FFCL, de modo particular.

No mesmo ano de 1949, a audiência da aula ministrada por Simões de Paula foi alargada: as páginas de *Filosofia, Ciências e Letras* - boletim da própria FFCL - em seu número 12, transcreveu e publicou o discurso de seu autor. Durante muito tempo, o manuscrito publicado e publicizado ficou arquivado no Centro de Documentação Histórica, setor de preservação e apoio à pesquisa histórica da FFCL, criado em 1966 por professores e professoras deste centro de ensino. Anos depois, o documento ganhou uma nova atualidade, igualmente relacionada aos esforços institucionais da USP: em 2009, com um dossiê especial dedicado a Eurípides Simões de Paula, a *Revista de história* republicou o conteúdo escrito da aula de 1949. Tal documento, monumentalizado, inseriu-se no contexto de efeméride institucional relacionado aos 30 anos do falecimento trágico (atropelamento) de Eurípides Simões de Paula em 1977.

Toda esta circulação e recepção evidencia um grau de acolhimento institucional da memória de Simões de Paula, feito, inclusive, por ele próprio, a partir das posições de comando que ocupava. Além disso, presta-se também para aquilatar a relevância da performance didática de 1949. Seu conteúdo não poderia ser esquecido na sequência dos anos; antes, deveria ser preservado, colocado à disposição de quem se interessasse. Daí as diferentes iniciativas de preservação e de atualização, evidenciando a historicidade e a manutenção da memória, em um claro trabalho de arquivamento e de gestão memorialística do passado. Com isso, a própria memória dos missionários franceses foi ganhando terreno nos meios oficiais da Universidade de São Paulo, em especial na FFCL. Não à toa, o nome de Eurípides Simões de Paula está ligado aos professores franceses, como se um reforçasse o outro, como se um dependesse do outro. Caminhos cruzados, a história de um

passaria obrigatoriamente pela história do outro.

Todavia, esta conquista do espaço por parte de uma memória favorável ao legado francês na história da historiografia uspiana, não ocorreu de imediato. Em 1951, na recém criada *Revista de história*, Astrogildo Rodrigues de Melo publicou um texto voltado aos *Estudos históricos no Brasil*, no qual ambicionou recuperar a historicidade da historiografia brasileira, tomando como ponto de partida a experiência da FFCL, onde era professor catedrático de História da Civilização Americana, conforme já apontado.

Em seu artigo, ele nada apontou sobre a missão francesa, a despeito de seu colega de instituição – Eurípedes Simões de Paula – ter afirmado que o próprio Astrogildo Rodrigues de Melo teria sido influenciado pelos mestres europeus. Para este historiador, o impulso renovador da história no Brasil adveio dos ventos modernistas de 1922, que nacionalizou a produção cultural no país, libertando a nação da “tutela intelectual europeia, não apenas na história, mas também, na literatura, na arte e em outros setores da vida cultural” (MELLO, 1951, p. 385). Os nomes da modernização não seriam forasteiros, mas sim são nacionais: Oliveira Viana, Alfredo Ellis Júnior, Pedro Calmon, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre, entre outros.

Este silêncio sobre os mestres franceses é significativo, ainda mais devido ao fato de que Astrogildo Rodrigues de Melo, assim como Simões de Paula, foi aluno de Émile Coornaert e de Fernand Braudel; e mais, sua tese de doutorado, defendida em 1942, *Política colonial da Espanha através das encomendas*, foi orientada por Jean Gajé. Mesmo tendo tido contato com a trinca francesa do curso de história da USP, rememorada apenas dois anos antes por um colega de instituição, o autor de *Estudos históricos no Brasil* ignorou esta memória, nada apontando sobre um suposto legado francês no meio historiográfico universitário da USP. Tal lacuna, ao invés de indicar um ato premeditado do sujeito, parece apontar muito mais para uma inscrição precária da memória pró-missão francesa entre os historiadores uspianos do início dos anos 1950.

Três anos depois, foi a vez de Pedro Moacyr Campos, catedrático de História Antiga e Medieval, formado na USP entre 1937-1940, rememorar “o estudo da história na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo” (CAMPOS, 1954, p. 491-503). Igualmente ex-aluno de Fernand Braudel, Émile Coornaert e Jean Gajé, bem como amigo de Eurípedes de Simões de Paula, por quem foi orientado em sua tese de doutorado concluída em 1944, Moacyr Campos apresentou uma visão ambígua a respeito da missão francesa que conheceu de perto. Seu texto, inicialmente, foi publicado no jornal *O estado de São Paulo*, na edição de 25 de janeiro de 1954, sendo republicado na *Revista de história* da USP no segundo número desse ano. Nessa republicação, apontou-se a seguinte nota: “artigo publicado no ‘O estado de São Paulo’ de 25 de janeiro de 1954, reeditado pela revista de História com a gentil anuência do autor e do conceituado matutino” (CAMPOS, 1954, p. 491).

Assim como seu colega uspiano Astrogildo Rodrigues de Melo, Pedro Moacyr

Campos também destacou a atmosfera de modernização dos anos 1920-1930 como ponto importante da renovação historiográfica no Brasil. Disse o autor que “a auto-crítica característica do período [...] lançou as bases para uma renovação também do ensino, criando, assim, o ambiente favorável à fundação das primeiras Universidades entre nós” (CAMPOS, 1954, p. 494). Porém, este começo do ensino superior, ainda que com uma colaboração europeia, foi bastante complicado, em razão das

Dificuldades encontradas pelos mestres franceses na Faculdade [as quais] não foram muito menores do que aquelas com que se defrontaram, em idênticas circunstâncias, professores de outras nacionalidades: falta de preparado secundário adequado por parte dos alunos, abrangendo insuficiência do conhecimento de línguas estrangeiras (inclusive do francês), e absoluta inexistência de material bibliográfico especializado ao alcance dos estudantes” (CAMPOS, 1954, p. 495).

Ao contrário da memória de seu orientador de doutorado, o artífice das palavras acima fez questão de apontar as adversidades que marcaram os primeiros momentos do curso de história da USP, distanciando-se de um elogio absoluto das origens. Nos primórdios da memória, a história era outra, menos alvissareira e mais atribulada.

Feito isso, Pedro Moacyr Campos ponderou:

As cadeiras de História principiaram a formar os seus primeiros doutores, e por mais defeituosas que fôsem as teses apresentadas, em virtude das condições dominantes, é absolutamente inegável que representavam um grande progresso. Pela primeira vez no Brasil, trabalhava-se metodicamente, sob a orientação de um mestre europeu e dava-se ao movimento de auto-crítica que fermentava na elite brasileira desde o fim da Guerra de 1914 uma nova direção (CAMPOS, 1954, p. 497).

Elogio e crítica, em busca de uma avaliação equilibrada, parece marcar o texto do historiador supracitado. O que fornece ao seu escrito um tom perceptivelmente diferente do de Eurípides Simões de Paula, marcado por verniz de encantamento característico de uma relação afetuosa entre um discípulo e os seus mestres.

Pedro Moacyr Campos no texto de 1954 contrabalanceou a vinda dos ditos missionários com o cenário nacional de modernização da realidade brasileira. A vinda de Fernand Braudel, Émile Coonaert e Jean Gajé não teria ocorrido em um cenário cultural vazio; muito pelo contrário, na medida em que a elite letrada da época passava por um processo de autoquestionamento, como a querer renovar suas ideias, práticas e visões sobre o Brasil. A missão francesa coincidiu com o modernismo brasileiro, de modo que tal encontro teria impactado indelevelmente a historiografia brasileira. Assim, o papel da trinca francesa acabou por ser nuançado, diminuindo bem mais o tom elegíaco presente na aula de 1949 proferida por Eurípides Simões de Paula.

Astrogildo Rodrigues de Melo e Pedro Moacyr Campos, dois ex-alunos que travaram contatos bem próximos com os docentes estrangeiros, apresentaram uma leitura diferente (quicá divergente) de uma suposta herança francesa. Em um, esta não foi sequer

mencionada; já em outro, a influência, existente, precisaria ser cotejada com o ambiente local. Tudo isso parece reforçar que, na primeira metade dos anos 1950, a valorização excessiva e exaltada dos ilustres mestres franceses não estava de todo colocada entre os representantes do curso de história da USP. Menos de uma década após a saída da missão francesa, a memória desta era bastante frágil, incerta e não consensual entre os historiadores que a vivenciaram. No princípio da memória, a história, isto é, a dispersão, a multiplicidade de vozes e de posições; em uma palavra, a incerteza. O legado francês na FFCL era, portanto, um tema em aberto, livre de enquadramentos mais rígidos e de uma memória já organizada e disponível (POLLACK, 1992).

Foi justamente com esta condição de fragilidade e de não inscrição da memória dos docentes estrangeiros que Eurípedes Simões de Paula deparou-se em 1949. Até o momento de sua aula, nenhuma performance pública e institucional tinha sido feita a respeito dos seus professores franceses. Tamponando esta lacuna, emergiu sua reminiscência enaltecida daqueles homens doutos do Velho Mundo que cruzaram o oceano para ensinar história e que, agora, no alvorecer da segunda metade do século XX, não estavam mais presentes. O que fazer com esta ausência? Que história contar? Qual memória guardar? O que dizer sobre eles? Que papel desempenharam? Provavelmente foram estas questões que inquietaram Eurípedes Simões de Paula e o impeliram a organizar discursivamente a “marca” francesa na FFCL e, em especial, no curso de história da USP. No princípio da memória, portanto, a história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, Pedro Moacyr. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. *Revista de história*, Vol. 22, Num. 45, São Paulo, 1961.

CAMPOS, Pedro Moacyr. O estudo da história na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista de história*, V. 08, N. 18, São Paulo, 1961.

CAPELATO, Maria Helena Rolim, GLEZER, Raquel e FERLINI, Vera Lucia Amaral. A escola uspiana de história. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 22, São Paulo, 1994.

COSTA, Aryana Lima. A Escola Uspiana de História: panorama das contribuições da história da historiografia para um tema clássico. *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA*, v. 40, p. 121-145, 2020.

COSTA, Aryana. *De um Curso d'água a Outro: memória e disciplinarização do saber histórico na formação dos primeiros professores no curso de História da USP*. Tese de Doutorado em História defendida no Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DE PAULA, Eurípedes Simões. *Revista de História*, N. 160, 1º semestre de 2009, 75-84.

DE PAULA, Eurípides Simões. Algumas considerações sobre a contribuição da Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo para a historiografia brasileira. *Revista de história*, Vol. 43., Num., 88, São Paulo, 1971.

D'ALÉSSIO, Márcia M. Os Annales no Brasil. Algumas reflexões. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, 2: 127-142, 1994.

Estudos Avançados, v. 8, n. 22, São Paulo, 1994, 05-643.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MALERBA, Jurandir. Notas à margem: a crítica historiográfica no Brasil dos anos 1990. *Textos de História*, Brasília, v. 10, n.1-2, p. 181-214, 2002.

MARTINEZ, Paulo. Fernand Braudel e a Primeira Geração de Historiadores Universitários da USP (1935-1956). *Revista de História*, São Paulo, n. 146, p. 11- 27, 2002.

MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentado ao Departamento de Antropologia do instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1981.

MELLO, Astrogildo Rodrigues de. Os estudos históricos no Brasil. *Revista de história*, ano II, Num. 06, 1951.

MUDROVIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília et al (ORG.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, V. 5, N. 10, Rio de Janeiro, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Revista de história, Ano I, Num. 01, Vol. 1, São Paulo, 1950.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Lidiane. *A Produção Social do Marxismo Universitário em São Paulo: Mestres, Discípulos e um Seminário (1958-1978)*. Tese de Doutorado em História defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

ROIZ, Diogo da Silva. *Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Curitiba: Appris, 2012.

ROIZ, Diogo da Silva. a institucionalização do ensino universitário de Geografia e História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1934 e 1956. *Agora*, V. 13, N. 01, Santa Cruz do Sul, 2007, 65-104.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.